

# O estatuto do objeto em A. Green

## *The status of the object in Andre Green*

Claudia Amorim Garcia\*

**Resumo:** Partindo da afirmativa de que o objeto é o revelador da pulsão, e constatando a insuficiência da teorização freudiana sobre o objeto, A. Green se dedica a investigar o objeto nas suas diferentes funções e apresentações, apontando sempre para seu estatuto paradoxal: fora e dentro também. Objeto da pulsão/desejo, objeto primário, objeto trauma são algumas das figuras do objeto que discutimos no presente trabalho.

**Palavras-chave:** Objeto. Pulsão. Objeto primário. Estrutura enquadrante. Objeto trauma. Narcisismo negativo.

**Abstract:** Starting from the assumption that the object is the revealer of the drive and realizing that Freud's theory did not discuss the concept of the object sufficiently, A. Green dedicates himself to the investigation of the object in its different functions and presentations, pointing at its paradoxical status: internal and external also. Object of the drive, object of desire, primary object and trauma object are some of configurations of the object that are discussed in the article

**Keywords:** Object. Drive. Primary object. Framing structure. Trauma object. Negative narcissism.

---

\* Psicanalista, membro efetivo do CPRJ. Professora aposentada da PUC-Rio.

Quando estamos imersos na psicanálise como experiência, do que somos as testemunhas-participantes? Nada mais do que da vida: de suas vicissitudes, de suas dificuldades e de sua riqueza. E esta é a razão principal que me incita a continuar defendendo o conceito de pulsão. Porque apenas ele fala do que nos empurra a viver... Mas não ignoro que a vida nada tem a ver com uma aventura solitária e que desde o primeiro dia nossa textura psíquica é tecida a partir de nossos vínculos com os outros que nós chamamos nossos objetos, aqueles sem os quais nós teríamos ficado muito sozinhos e incompletos sobre a terra, aqueles a quem deixamos alguma coisa, enfim, a fim de que perpetuem depois de nós, e a sua maneira, esta fonte criativa à qual tudo devemos. (LA PENSÉE CLINIQUE).

É indiscutível a constatação de que o que caracteriza o campo da produção psicanalítica na atualidade é a articulação de diferentes dialetos na composição de um cenário que integra abordagens teóricas intrapsíquicas e intersubjetivas, numa compreensão do psíquico a partir da intersecção pulsão/objeto. Estamos, aparentemente, nos afastando das posições doutrinárias e dogmáticas, dominantes até meados do séc. XX, na direção da construção de um arcabouço conceitual marcado pelo que Figueiredo (2012) convencionou denominar um atravessamento de paradigmas. Este movimento, no campo da psicanálise, foi forjado no bojo das transformações históricas, políticas, sociais e culturais desencadeadas na sociedade ocidental, a partir, principalmente, dos anos 60 do século passado, que afetaram os processos de subjetivação então vigentes. Logo se fizeram sentir as consequências subjetivas destas transformações que hoje se apresentam de forma pungente no perfil clínico dos pacientes não-neuróticos que, situando-se no limite de analisibilidade (GREEN, 2002a), podem nos servir de referência para o limite do potencial analítico de nossas teorias e procedimentos clínicos. Assim, a complexidade e o desafio que a clínica contemporânea representa ao evidenciar a insuficiência de modelos teóricos aprisionados a sistemas doutrinários fechados, apontam para a exigência de transitar por domínios conceituais diferentes, superando distinções rígidas e oposições esterilizantes.

André Green bem representa esta nova formatação do cenário psicanalítico atual na maneira como integra diferentes tradições teóricas numa construção conceitual, que tem como objeto privilegiado de interesse teórico-clínico os pacientes que denomina de não-neuróticos (1995). Seu ponto de partida, incessantemente reiterado, diz respeito ao caráter indissociável da relação pulsão/objeto,

pilar central da psicanálise e marca de origem de sua produção teórico-clínica. Opõe-se, então, a posições teóricas que tendem a privilegiar leituras excludentes dos territórios da pulsão e do objeto, rechaçando uma leitura solipsista da teoria da pulsão, que minimiza o papel do objeto, assim como uma teoria das relações objetais, que não leve em conta o dinamismo pulsional como motor de investimento e movimento psíquico. Green defende, portanto, uma compreensão do psíquico que se fundamenta no vínculo inextrincável entre pulsão e objeto o que aliás, na sua opinião, uma leitura cuidadosa do texto freudiano evidencia.

## A PULSÃO E SEU OBJETO

Pulsão e objeto são os personagens centrais da primeira experiência de satisfação, apresentada ainda em 1895, na qual o aumento de tensão pulsional exige uma alteração do mundo externo que, sob a forma de uma ação específica, realizada por meio da assistência alheia, do outro semelhante, possibilita diminuição de tensão e garante satisfação. Assim se configura esta situação emblemática de inauguração do psíquico, marcada pela articulação pulsão (desamparo)/objeto (outro semelhante) cuja importância crucial é assim explicitada na frase emblemática: “... o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1950[1895], p. 422).

Em 1905 aparecem os primeiros delineamentos da noção de pulsão sexual e seu objeto, numa perspectiva que, com a postulação do autoerotismo, coloca em questão a definição filosófica clássica da relação S-O, e aponta para a complexidade da relação dentro/fora, que se torna, a partir de então, tema central de interesse teórico. Trata-se, neste momento, exclusivamente, do objeto sexual de prazer e, ao mesmo tempo, objeto de desejo, quando falta, sempre substituível, e cuja ausência pode ser, até certo ponto, suprida pela representação (GREEN, 1995). É neste sentido que a postulação de um objeto da autoconservação não se justifica pela sua natureza pré-determinada e insubstituível, constituindo-se, assim, exclusivamente, como agente homeostático, cuja função de autoconservação pode ser secundariamente libidinizada (GREEN, 1995, p. 230). Apesar do caráter ambíguo do objeto autoerótico, que já aponta para a complexidade da relação entre pulsão e objeto, os territórios da pulsão e do objeto se apresentam, neste momento da teorização freudiana, como nitidamente diferenciados.

Nos escritos metapsicológicos da década de 1910, e dando continuidade ao que já se anunciava em 1905, dá-se uma reviravolta teórico-conceitual fundamental. A partir de então, o eu, até então agente pulsional e instância recalcante passa a ser também considerado como objeto de investimento narcísico, e, mais ainda, como elemento constitutivo da pulsão, na apresentação da definição clássica de pulsão, em 1915. Neste processo de reformulação teórica, o texto de 1910 sobre a infância de Leonardo Da Vinci representa uma virada definitiva com a postulação de que a identificação, no caso de Leonardo com sua mãe, teria efeito subjetivo estruturante. Esta tese é aprofundada na discussão sobre a melancolia na qual a identificação com o objeto perdido redundava numa modificação crucial do eu, argumentação que atinge seu ápice em 1923, com a definição do eu como um precipitado de identificações com o objeto. A introdução do conceito de identificação coloca definitivamente em questão, então, não apenas a fronteira entre o eu pulsional e o objeto sexual, apontando para uma relação reciprocamente constitutiva entre eles, mas também o limite entre o dentro e o fora, tema privilegiado de interesse teórico de A. Green, que leva sua discussão às últimas consequências na sua reflexão sobre o estatuto do objeto em psicanálise.

## **O ESTATUTO PARADOXAL DO OBJETO: SEMPRE DENTRO E FORA TAMBÉM**

Deixando-se guiar por sua extensa experiência clínica e permanecendo fiel às suas raízes teóricas, A. Green retoma Freud reconhecendo, de antemão, a insuficiência da discussão freudiana sobre o objeto nas suas diferentes apresentações no texto freudiano como objeto da pulsão, objeto da satisfação, objeto da fantasia, objeto real. Propõe, então, que a célula fundamental da teoria freudiana é o par indissociável pulsão/objeto e argumenta que o que interessa, na verdade, é a dinâmica do movimento entre eles, já que o psiquismo é ativado pela proximidade do objeto que, por sua vez, é construído pelo investimento pulsional. Baseando-se na afirmativa freudiana segundo a qual “*no trajeto da fonte ao objetivo a pulsão se torna psiquicamente ativa*” (FREUD, 1932-33), Green afirma que o objeto é não apenas o revelador da pulsão (1996a), mas também o que incita o investimento pulsional e, em última análise, possibilita a função objetalisante (1996b). Assim, é a proximidade do objeto que, ao anunciar a satisfação a ser obtida, estimula a capacidade de significação do

psíquico, já que o adiamento inevitável da satisfação obriga o aparelho psíquico a trabalhar (GREEN, 1995). “Tornar-se psiquicamente ativa”, no trajeto de aproximação do objeto, portanto, significa ser estimulada a desempenhar seu trabalho psíquico sob a forma de investimentos significativos, marca de origem da função objetualizante, própria da pulsão de vida. Então, o objeto não apenas revela a pulsão, mas é também o agente que põe em ação a função objetualizante propiciadora de deslocamentos e metaforizações.

A articulação entre os campos da pulsão e do objeto não impede, na verdade, exige uma definição precisa de seus limites e características representada pela postulação das linhas subjetal e objetal, independentes, mas complementares (GREEN, 2002b). A pulsão é a matrix da linha subjetal constituída pelo eu freudiano e seus satélites, como o self (nas suas diferentes acepções) e o sujeito. Em concordância com a definição de pulsão como um conceito limite entre o somático e o psíquico, os componentes da linha subjetal se enraízam no corpo e se desdobram no psíquico, tendo como ponto de partida o desejo e como objetivo a capacidade de simbolização. Cada elemento componente da linha subjetal se mostra apropriado a um tipo específico de situação clínica. Neste sentido, enquanto o eu freudiano se apresenta como peça chave na compreensão de uma dinâmica não-neurótica, o conceito de sujeito é o mais apropriado para a discussão da riqueza simbólica das manifestações neuróticas (GREEN, 2002b).

A linha objetal, por outro lado, mais difícil de ser extraída do texto freudiano, é composta por diferentes definições de objeto determinadas pelo contexto teórico em que foram produzidas, o que caracteriza o caráter polissêmico do conceito de objeto em psicanálise. A descrição detalhada das várias partes componentes do objeto demonstra a heterogeneidade que caracteriza a linha objetal, enquanto as doze funções identificadas do objeto compõem o que Green denomina da fisiologia do objeto (GREEN, 2002, p.162). A discussão sobre funções e partes componentes do objeto levanta, inevitavelmente, a questão da relação entre o objeto interno e o objeto externo, campo privilegiado de investigação sobre o conceito de objeto em psicanálise.

De que objeto, então, se trata: interno ou externo? Partindo-se da premissa de que tanto a realidade externa quanto o inconsciente são, em última análise, incognoscíveis, não se trata de definir a natureza dos objetos, mas de entender as relações entre o dentro e o fora, o movimento que determina, para um sujeito, seu interior e seu exterior. Lembrando a frase emblemática dos Botella sobre o estatuto do objeto em psicanálise – “Apenas dentro, fora também” – Green se

propõe a pensar sobre a face externa do objeto apontando para seu caráter paradoxal: nunca externo realmente, mas reexternalizado depois de internalizado (GREEN, 1995). O paradoxo consiste em possibilitar uma internalização, constitutiva de uma matrix fundamental implantada como estrutura enquadrante, que, por sua vez, deve permitir e acolher formas subsequentes de objetividade, facilitando os deslocamentos objetais. Então, a função primeira de implantação e fixação deve coexistir com a função de objetualização substitutiva (GREEN, 1995), o que responde pelo caráter paradoxal do objeto externo que ao, se deixar incorporar, permite a construção dos objetos internos. Uma de suas funções fundamentais, portanto, é estimular a vitalidade psíquica, deixando-se implantar como estrutura enquadrante, solo psíquico que possibilita investimentos significativos e abre caminho para a função de representação.

Este percurso de inauguração psíquica norteado pelo pressuposto de que “o objeto como revelador das pulsões torna as pulsões reveladoras das primeiras formas do sujeito” (GREEN, 1995, p. 239) acontece a partir do encontro inicial entre um psiquismo elementar, ameaçado de desorganização e em busca de satisfação e um psiquismo desenvolvido (GREEN, 1995) que responde à demanda. Para que o processo seja bem-sucedido são necessários a busca de satisfação, por um lado, e o desejo de satisfazer, por outro. Neste contexto, é impescindível que o objeto possa desempenhar, satisfatoriamente, as funções opostas de estimulação e contenção da atividade pulsional, ao se oferecer e se recusar como objeto de prazer. Estas condições preenchidas possibilitam uma primeira incorporação do que o objeto fornece e, por transferência metonímica e metafórica, do próprio objeto que, portanto, está fora e dentro também. A incorporação deixa, no seu rastro, impressões prazerosas que retroativamente atribuem à incorporação o valor de uma criação, uma alusão à dialética criado-encontrado do objeto transicional que, assim como a função alfa do Bion, Green (1995) considera como soluções definitivas para a questão da determinação do caráter psíquico do objeto da psicanálise: sempre dentro, fora também.

Estamos no território dos destinos do objeto primário, em que a incorporação objetal primordial inaugura o processo de apropriação subjetiva, pedra angular de constituição do psiquismo e objetivo de toda análise, que possibilita a inversão positiva do que foi negativado através do desvio pelo objeto da transferência (GREEN, 1993). A hipótese greeniana é de que, no caso dos pacientes não-neuróticos, o objeto não realiza adequadamente suas funções primárias de implantação e substituição impedindo, portanto, a constituição de

uma estrutura enquadrante suficientemente boa que facilite o processo criativo de apropriação subjetiva. Nestas situações, o sujeito permanece aprisionado ao objeto primário único e totalizante, na ausência de limites psíquicos consistentes, o que impede a emergência de objetos substitutos e afeta, drasticamente, a função de representação, como atestam as atuações desimbolisantes. A falência do necessário apagamento do objeto, que então se deixaria assimilar como estrutura enquadrante, aponta para um fracasso do trabalho do negativo na sua função de corte e separação (GREEN, 1993). A coalescência pulsão/objeto que resulta deste estado de coisas provoca efeitos psíquicos traumáticos dos quais o eu se protege através de defesas intensas. O retraimento e a identificação narcísicos, assim como a clivagem, se apresentam, então, como expressões pungentes do narcisismo negativo, que aponta para o predomínio da pulsão de morte nos destinos pulsionais e encena os descaminhos da relação pulsão/objeto nas patologias não-neuróticas.

## O OBJETO TRAUMA

O narcisismo foi um dos conceitos mais trabalhados por Green, principalmente entre as décadas de 1960 e 1990 e tema de uma discussão exaustiva apresentada na coletânea *Narcisismo de vida. Narcisismo de morte*, de 1983. Em *A angústia e narcisismo*, artigo que faz parte da coletânea, Green lembra que não apenas o pulsional é sempre desmesura, demasia, que irrompe e traumatiza, mas o objeto também se apresenta, por excelência, enquanto fator traumático. Lança, então, a hipótese do objeto-trauma, segundo a qual o objeto é sempre uma ameaça de desequilíbrio para o eu na sua constante tentativa de preservação da unidade narcísica. Assim, encarregado de assegurar a satisfação do isso o objeto é, também, para o eu, de uma certa maneira, causa de desequilíbrio, e, portanto, fator traumático para o psíquico. De fato, o movimento do eu no sentido da construção de uma totalidade narcísica inclui a possibilidade de reunificação com o objeto o que, por sua vez, põe em risco o movimento de totalização, ameaçando a frágil organização egoica. Além disso, e antes de qualquer coisa, o objeto obriga o eu pulsional a trabalhar, abandonando sua quietude narcísica, em busca da satisfação o que, se por um lado, garante o processo de apropriação subjetiva e a capacidade de representação, por outro, na ausência de limites psíquicos consistentes, suscita ameaças de aniquilação e exacerba os mecanismos projetivos.

Então, o objeto, responsável por tensões libidinais contraditórias e enquanto parte do mundo externo, força o eu a modificar sua economia psíquica na medida em que, enquanto objeto interno fantasmático, investido pela pulsão, ameaça de dentro, e enquanto objeto externo, se mostra imprevisível e fora do controle do eu. Esta situação é exacerbada nas patologias não neuróticas nas quais os limites internos, entre as instâncias psíquicas e externas entre o eu e o outro são muito frágeis. Nestes casos, o duplo limite não se constitui de forma satisfatória (GREEN,1982/1990), o que justifica a enorme dificuldade destes pacientes de suportar as restrições impostas pelo enquadre analítico clássico. O espaço analítico delimitado pelo enquadre facilita a indistinção entre o interno e o externo o que exacerba o caráter traumático do objeto que ameaça de fora e de dentro, provocando projeções delirantes e angústias de aniquilação que passam a dominar o cenário clínico. Instala-se um círculo infernal onde a intensidade das projeções torna cada vez mais difícil suportar a realidade externa que, equacionada à realidade interna, torna-se objeto de ataques e intensa raiva. Nestas situações, a possibilidade de simbolização metaforisante que o enquadre representa é destruída, e atuações desimbolizantes tornam-se dominantes, constituindo-se, aparentemente, no único recurso a que o paciente tem acesso para lidar com as situações de crise, diferentemente dos pacientes neuróticos que se valem da dramatização simbólica. Esses tsunamis de sofrimento incontido, fora do alcance da representação, nos remetem ao contexto das relações arcaicas, mais especificamente, ao fracasso do objeto primário na consecução de suas funções, ponto central da dinâmica psíquica dos pacientes não-neuróticos. Lembrando Winnicott, Green afirma que este é o cenário no qual apenas o negativo existe, numa referência ao caso da paciente que ambos atenderam e do qual Green se vale para defender a hipótese que o negativo, categoria teoria central no pensamento greeniano, também está presente na teoria winnicottiana. (GREEN, 2003).

Amável e detestável, nem fixo nem permanente, imprevisível e necessário, o objeto tem seus desejos e objetivos que não coincidem com os desejos e objetivos do eu. Submetido às vicissitudes do objeto do qual não pode prescindir, o eu pulsional desenvolve defesas intensas que encenam os dilemas inevitáveis entre a aproximação e o distanciamento do objeto. Nos pacientes não neuróticos a busca de uma distância suportável é sempre malsucedida já que, habitados tiranicamente pelo objeto primário que não se deixa apagar, encontram-se impossibilitados de fazer o luto que é, então, substituído por manifestações do narcisismo negativo desobjetalisante regido pela busca do grau zero de tensão que promete, quem sabe, finalmente, a libertação da dependência do objeto.



## CONCLUSÃO

Em 1995, vem a público a coletânea intitulada *Propédeutique. La métapsychologie revisitée*, na qual a questão do estatuto do objeto em psicanálise é exaustivamente discutida e da qual foi extraída uma síntese das contribuições de Green sobre este tema:

- Objeto e pulsão são inseparáveis e existem numa relação de reciprocidade;
- O estatuto do objeto é paradoxal: fora e dentro também. Interno enquanto parte da montagem pulsional, mas também externo à montagem e independente, que desempenhe as funções necessárias à sobrevivência face à prematuração do início;
- A tese da existência do objeto desde o início da vida não é totalmente falsa, mas não se refere à consciência de um objeto independente, percebido como tal, o que só ocorre posteriormente;
- O objeto é o revelador das pulsões, que por sua vez, tem sua existência garantida pelo investimento pulsional;
- O objeto primário executa duas funções principais:
  - a) função de cobertura das necessidades do bebê que permite o início de uma existência subjetiva, a partir da experiência *princeps* do encontrado-criado, fonte primária de criatividade e transformação elaborativa das excitações pulsionais;
  - b) função de facilitação da constituição do objeto da pulsão com todas suas possibilidades fantasísticas, na linha do eu prazer purificado.
- O objeto entra em relação com a atividade pulsional que transforma pela resposta que fornece e que, em troca, transforma o estatuto inicial do objeto que se torna objeto de desejo para, finalmente, atingir a condição de objeto objetivamente percebido.
- O resultado deste processo não apaga as etapas anteriores, já que a existência psíquica se caracteriza pelo paradoxo entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido.
- As formas primitivas do objeto incluem, necessariamente, os determinantes culturais que impregnam o modo de satisfação das necessidades mais naturais.

**Claudia Garcia**  
clauag@uol.com.br

## Referências

FIGUEIREDO, L. C. *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2012.

FREUD, S. (1950/1895). *Projeto para uma psicologia científica*. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1). Rio de Janeiro: Imago, 1977.

\_\_\_\_\_. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (ESB, 7).

\_\_\_\_\_. (1910). *Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (ESB, 11).

\_\_\_\_\_. (1915). *Os instintos de suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (ESB, 15).

\_\_\_\_\_. (1923). *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (ESB, 19).

GREEN, A. (1982). *La double limite: la folie privée*. Paris: Gallimard, 1990.

\_\_\_\_\_. *Narcissisme de vie: narcissisme de mort*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.

\_\_\_\_\_. *O trabalho do negativo*. Rio de Janeiro: Artmed, 2010.

\_\_\_\_\_. *Propédeutique: la métapsychologie revisitée*. France: Champ Vallon, 1995.

\_\_\_\_\_. *La pensée clinique*. France: Editions Odile Jacob, 2002.

\_\_\_\_\_. *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*, Paris: PUF, 2002.

\_\_\_\_\_. *André Green e a Fundação Squiggle*. São Paulo: Roca, 2003.